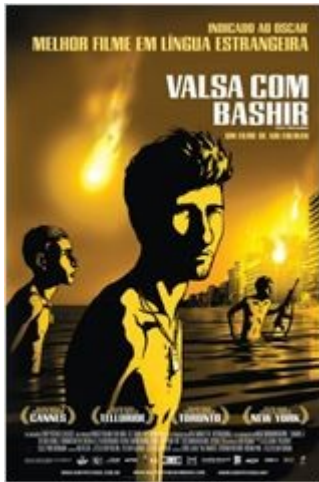


Valsa com Bashir



Quem participa de uma guerra e não é um psicopata, não tem como voltar para casa sem traumas mesmo estando do lado “vitorioso” da peleja.

Há casos tão sérios que o malfadado cidadão nem mesmo lembra que esteve em uma guerra, no obstante, é uma criatura absolutamente normal e nada nele diz que esteve em uma guerra, desde que esta realidade não exista para ele o que é perfeitamente lógico, se determinada realidade não existe ele não poderia passar por ela.

Animação israelense vencedora do Globo de Ouro e do César francês como melhor filme estrangeiro, e também indicada ao Oscar de filme estrangeiro em 2009, "Valsa com Bashir" pode ser definida como uma cinebiografia documental em forma de desenho animado.

Aliás, o conteúdo bem adulto e muito dramático, o que sem dúvidas deve ter contribuído para que sua censura no país tenha sido definida em 18 anos, mesmo assim este Rato recomenda cautela aos mais emotivos ou mais sensíveis.

Eu assisti este desenho por duas vezes, li sobre o mesmo em diversas fontes e por achar mais apropriado, mais condizente com o que entendi do desenho, resolvi usar como base para esta sinopse o texto da Sra. Neusa Barbosa do CineWeb;

O diretor Ari Folman, que participou como soldado da guerra do Líbano, em 1982, (como se uma já não bastasse houve duas) examina suas próprias culpas para abordar os problemas da reconstituição da memória dos episódios dramáticos que culminaram no massacre dos campos de Sabra e Chatila, em que teriam morrido 3.000 refugiados palestinos.

Embora o massacre, tecnicamente, tenha sido atribuído a falangistas cristãos e libaneses, havia tropas israelenses ocupando aquele país e é “ai que a roda pega” visto que a responsabilidade ou a omissão no caso, por parte de Israel, continua a ser objeto de controvérsia internacional; mas não na minha maneira de ver, se havia tropas regulares na região e estas (em especial o exército de Israel que é muito bem informado) não intervieram para impedir um massacre, eu não tenho nenhuma dúvida quanto a sua participação no mesmo.

Como explicou Folman na coletiva de imprensa em Cannes, onde o filme concorreu à Palma de Ouro em maio de 2008: "*Eu queria um filme direto, abordando um massacre. Soldados são sempre, como se sabe, peões a serviço de lideranças.*" e eu entendo que também acabam sendo, neste caso, as vitoriosas vítimas de uma insanidade tão humana.

E a liderança então era do primeiro-ministro Ariel Sharon, posteriormente condenado por uma comissão governamental por permitir os massacres de civis no Líbano.

O tom procurado por Folman é, claramente, o de uma catarse à qual não falta autocrítica.

Ele parte da própria falta de recordações de seu tempo de serviço militar no Líbano, entrevistando antigos companheiros de tropa que, ao contrário dele, têm sua mente povoada por lembranças e pesadelos.

O assustador sonho recorrente de um deles, Boaz, é uma corrida noturna de 26 cães raivosos, dentes à mostra, percorrendo as ruas de Tel Aviv.

No sonho, Boaz sabe que eles vieram para matar.

Recolhendo as peças de um quebra-cabeça, perdidas ou espalhadas nas mentes dos amigos, Folman reconstitui em parte a história de uma vingança.

Na época, o presidente libanês e cristão, Bashir Gemayel, fora assassinado.

O ataque aos campos de refugiados palestinos teria sido o troco por esta morte.

À custa de ouvir muitos relatos, algumas imagens emergem também da memória de Folman, ele sonha consigo mesmo e outros saindo nus da água, de armas na mão, para entrar num campo iluminado por foguetes sinalizadores.

Imagem tétrica, pois é justamente uma das suspeitas contra as tropas israelenses.

O disparado estes foguetes, facilitou a visão dos “falangistas” para as execuções.

Recorrendo à técnica da roto scopia, a mesma vista em animações como "Waking Life", de Richard Linklater, a partir das filmagens das entrevistas para o filme, Folman cria uma crônica da guerra, ao mesmo tempo subjetiva e impressionante.

Mas nada mais chocante do que as cenas finais, onde há mostram imagens reais do evento, objeto do filme, em Sabra e Chatila.

Título Original:- Waltz with Bashir

País:- Israel

Ano:- 2008

Direção e Roteiro:- Ari Folman

Elenco (vozes):- Ari Foldman, Ron Ben-Yishai, Ronny Dayag, Dror Hazari, Ori Sivan, Yehezkel Lazarov (Carmi Cna'an) e Mickey Leon (Boaz Rein-Buskila)

Gênero:- Animação Adulta / Guerra

Duração:- 90 Minutos

Idioma:- Hebreu

Legenda em português embutida no filme tamanho – 636 MB

A música presente na trilha sonora do filme, “*This Is Not A Love Song*” (1983), da banda PIL (Public Image Ltd), cantada pelo ex-vocalista dos Sex Pistols, John Lydon (Johnny Rotten), é uma “botinada” no estômago, em um cenário onde a influência do *punk* e o choque de valores ainda eram muito expressivos para a época.

Foi o 1º filme de animação a ser indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Exibido na mostra Panorama do Cinema Mundial, no Festival do Rio 2008.

O orçamento de *Valsa com Bashir* foi de US\$ 1,5 milhões.

Prêmios

Recebeu uma indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Ganhou o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro.

Recebeu 2 indicações ao BAFTA, nas categorias de Melhor Filme de Animação e Melhor Filme Estrangeiro

Ganhou o César de Melhor Filme Estrangeiro.

Ganhou o European Film Awards de Melhor Trilha Sonora, além de ter sido indicado nas categorias de Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Roteiro.

São as cenas finais de uma guerra, seja ela qual for e em que tempo for, que justifica e incentiva os sobreviventes a replicarem a cena da “cabeça do avestruz enviada na areia”, ao invés de perguntarem insistentemente o porque, o para que, o motivo disto tudo, ficam a justificar o injustificável, a comprar consciências e por fim, a cometer os mesmos erros.

São Paulo, SP, 09 de Julho de 2012

Mkmouse